



Os Fortes das Velas

Desde cedo a ilha de São Jorge figurou nos mapas que foram surgindo aquando das grandes navegações europeias, onde navegadores tentavam descobrir novas rotas comerciais.

Alguns anos antes do seu povoamento que terá contecido por volta de 1460, por estes mares já navegavam embarcações, sendo que a ilha aparece figurada, sem identificação, no "Portulano Mediceo Laurenziano" (*Atlas*

Laurentino, Atlas Mideceu), de 1351, atualmente na Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença, na Itália. Mais tarde, no *Atlas Catalão*, de Jehuda Cresques [7], de cerca de 1375, atualmente na Bibliothèque Nationale de France em Paris, encontra-se figurada e nomeada com o seu atual nome: "São Jorge".

Mais tarde, e após o seu povoamento, e com as incursões dos piratas e corsários que se

registaram a partir do séc. XVI nas águas dos Açores, levou a que, nestas ilhas, fossem construídas fortificações que, de alguma forma, as defendessem dos invasores.

Segundo Manuel Faria, Oficial Superior do Exército na reforma, e que se dedica à pesquisa e publicação de documentação sobre a História Militar dos Açores, embora a presença nos mares dos Açores de corsários e piratas à procura dos navios que Espanha



e Portugal que vinham as índias ocidentais e orientais, se tenha verificado pouco tempo depois de Vasco da Gama ter chegado às Antilhas, só a partir de meados do século XVI se sentiu a necessidade de dotar as ilhas de um sistema de defesa e dos seus principais portos, onde constava o porto das Velas, apenas atrás da Terceira, São Miguel e Faial, sendo que

desde cedo São Jorge assumiu uma importância destaca no sistema defensivo do conjunto das restantes ilhas. [1]

Apesar das poucas informações existentes da história da ilha, neste âmbito, em 1575 já existiam na Vila de Velas indicações das fortificações de Santa Cruz e Conceição.

Nos vários registos em que procuramos informações sobre as fortificações do concelho de Velas, destaque desde logo para Cândido Avelar que, no seu livro *Ilha de São Jorge – Apontamentos para a sua História* (1902), revela que “... a vila era convenientemente fortificada, sendo a sua costa defendida por muralhas fechadas com portões, restando apenas o do cais de sólida e bela arquitetura, concluído em 1797 pelo mestre pedreiro Matias Avelar”. [2]

Nas suas fortalezas, já em 1612 havia montadas 9 peças de ferro e 5 de bronze com os seus cães. O número daquelas foi aumentado depois tendo todas as munições de guerra.

De facto, segundo Sérgio Rezendes, no trabalho “A fortificação da Idade Moderna nos Açores: o caso específico das Ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge”, trabalho este apresentado



Atlas Catalão, de Jehuda Cresques, cerca de 1375



Porto de Velas antigo

no VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas e Primeiro Encontro Técnico de Gestores de Fortificações, que decorreu de 31 de março a 02 de abril de 2010, recordou o que subsiste em termos de património militar ainda existente nesta ilha. [3]

Com o passar dos séculos as fortificações foram ficando em reunidas, algumas desapareceram em definitivo, outras ainda hoje é possível ver alguns vestígios das mesmas.

Segundo o autor, inevitavelmente existem dois fatores indissociáveis à Historiografia Açoriana, a sua posição geográfica face à epopeia dos Descobrimentos (cujo regresso à Europa empurrava as embarcações à vela para junto das ilhas) e a sua utilização como área de apoio logístico (e consequentemente de apoio militar), quer nas armadas reais, quer a quem por estes mares andava em busca de glória e lucro.

Segundo Avellar [2], em 1572, e em resultado de uma inspeção às ilhas por parte de Fernão de Pina Marecos, foi enviado a São Jorge Álvaro Fernandes, encarregado de fortificações do Reino, com a missão de elaborar projetos e executá-los, aplicando-lhes um imposto de 2% para a construção das fortificações e muralhas ao longo da orla das Vilas. Consigo já trazia alguns estudos de Fernão de Pina Marecos e Tommazo Benedetto, pelo que este último poderá ter tido alguma influência na traça do principal

forte da ilha, o Forte de Santa Cruz.

Pela Ilha passaram corsários e piratas franceses, seguidos por holandeses, ingleses, argelinos, marroquinos e turcos [6]. No entanto, segundo António dos Santos Pereira (1987), o medo entre os habitantes devia-se mais às notícias de corsários do mar, do que ataques efetivos, o que leva a frequente vigilância nas costas. Defende o autor que as movimentações militares em São Jorge nunca atingiram proporções



Bombardeira do Forte de Santa Cruz, voltada a nascente (1964)



Ruínas do Forte das Eiras (1964)

que colocassem em causa a economia, ao devastarem pessoas e bens.

Em Setembro de 1708 a frota de 11 navios armados com 460 canhões, sob comando de Monsieur du Guay-Trouin, Tenente-General das Armadas Navais de França, comendador da Ordem Real e Militar de São Luís, que em 1711 conquista o Rio de Janeiro, surgiu em frente a Velas, desembarcou nesta vila [1].

Do saque feito, consta, revela Faria, terão sido levados o sino da Matriz e o Cálice de São João.

Na sequência deste episódio, foi erguido o forte de Nossa Senhora do Pilar ou das Eiras, para barrar a costa por onde se dera o desembarque dos franceses.

No fim do século XVI, a defesa da Ilha baseava-se em dois pontos fortes: o Forte de Nossa Senhora da Conceição o Porto de Bairros. Estas fortificações haviam sido construídas por provisão de D. Sebastião, de acordo com o traçado determinado, e ambas viriam a ser destruídas por uma tempestade marítima em 1896.

O início das fortificações, a partir de 1619, dificultou a entrada de pessoas indesejáveis, pelo menos os principais portos da Ilha.

Fortificações e redutos foram sendo construídas, em Velas, Urzelina, Manadas, entre outros. Aqui destacam-se aqueles que ainda podem ser visitados.

Desta forma, a fortificação e a incorporação de homens permitiu a São Jorge conhecer paz durante largos anos, interrompida pelo domínio filipino (1580-1640).

Segundo escreve Rezendes [3], o dispositivo montado desde finais do século XVI até à segunda metade do século XVII no Concelho de Velas, era o seguinte: o forte de Entre Morros (*estando totalmente desaparecido*) à direita do forte de Nossa Senhora do Pilar ou Castelinho/ Eira. Segue-se o forte de Nossa Senhora da Conceição e o Forte de Santa Cruz que cruzava fogos com o da Conceição e defendia a porta da Vila em conjunto com o Forte das Caravelas.

“

No séc. XVIII
a Vila era
defendida por
muralhas
fechadas...”

PORTÃO DO MAR



Portão do Mar

O “Portão do Mar” foi construído entre 1797 e 1799 (data constante no imóvel) como parte do sistema defensivo de Velas, em que as muralhas eram fechadas por Portões [6].

É uma obra da responsabilidade de Mathias Avelas, membro da famosa família do “Arquitetos Avelares” ou “Arquitetos Velenses”, que durante mais de 150 anos trabalhavam em São Jorge, criando algumas das suas mais emblemáticas obras arquitetónicas.

Como em uso à época, as muralhas do porto das Velas eram fechadas por portões no acesso do cais para terra, que eram fechados à noite. Na parte superior deste portão encontram-se as armas reais de Portugal.

Com o melhoramento do cais, o tufo foi substituído por pedra basáltica.

É possível observarmos alguns troços da antiga muralha da Vila, em alvenaria de pedra rebocada e pintada de branco enquanto os seus elementos decorativos se apresentam em cantaria à vista.

FORTE DE SANTA CRUZ



Forte de Santa Cruz



Forte de Nossa Senhora da Conceição

Este foi este o primeiro e mais importante Forte a ser construído em toda a ilha de São Jorge [4].

Este possuía três redutos, nomeadamente o de Santo António, Santa Cruz e São José, sendo que fazia a defesa do Porto das Velas juntamente com os Fortes da Conceição e da Queimada, e era o que possuía mais “peças” em toda a ilha.

As suas muralhas eram em basalto e tufo e dispunha de doze bombardeiras, casa da guarda, caserna e paiol. Nos extremos nascente e poente sobressaíam duas guaritas de vigia cobertas, de

que resta apenas a do lado poente.

FORTE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Este forte era o terceiro da ilha em número de “peças” e ainda no século XVI, e antes da dominação filipina, foi esta zona dotada de algumas peças de artilharia [4].

Em 1618, estando-se a construir um paredão na rocha junto às bombardeiras existentes, ficou acordado que não se concluísse tal paredão detrás do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, “por desnecessário”, mas que se fortificasse o Porto de Bairros e o Porto das Caravelas junto da Vila.

No entanto, foi permitido acabar uma parte do paredão já iniciada e adjudicar outra parte em 1645.

Foi construído em 1644 no local onde, antes, existiu a primitiva Igreja da Senhora da Conceição.

O Tombo de 1883 refere que o forte contava com sete canhoneiras e uma incipiente guarita, sendo que o forte temporal de 1896 causaram fortes anos na estrutura.



Antigo canhão de regresso ao Forte das Ladeiras

Rezendes [3] revela que em 1912 este forte foi cedido à Câmara Municipal para ser utilizado como mercado de gado o que acabou por acontecer em 1928.

Durante muitos anos foi votado ao abandono, o forte foi requalificado no início do século XXI com a recuperação de grande parte das suas muralhas. No seu interior foi erguido o Auditório Municipal de Velas.

FORTE DAS LADEIRAS

O forte está localizado na ladeira sobranceira às Velas, na granja, por cima do Caisinho [4].

Armava duas peças e seria para tentar evitar o desembarque naquele porto.

Pouco antes da crise sísmica de 1964 ainda existia um resto da plataforma e duas peças de ferro.

Não se conhece qualquer planta ou desenho deste forte.

Em 1818 encontrava-se totalmente demolido e defendia-se que era “desnecessário porque no lugar em que está não defende desfiladeiro algum, e pela grande

altura não pode ofender os navios, senão em tão grande distância que os tiros, ainda sendo em grossa artilharia são totalmente perdidos”.

Entretanto, o Município de Velas, no seguimento de um processo que durou alguns anos, e depois de recuperada a base do Forte das Ladeiras, fez regressar a São Jorge um dos antigos canhões que foram enviados há décadas para a Terceira pelo então Presidente do Município Eng. Fernando Mesquita, em finais dos anos 60 e que hoje integram o espólio do Museu de Angra do Heroísmo.

A Direção Regional da Cultura, acedeu ao pedido do Município,

garantindo o regresso do canhão que foi colocado no antigo Forte, e que, estamos certos, contribuirá assim para a dinamização da Rota Turística a criar pelo Município, denominada “Vivências da Nossa Terra”.

FORTE DA PONTA DAS EIRAS

Este forte foi construído depois do assalto às Velas pelo corsário Du Guay Trouin já que o mesmo, depois de ter sido repellido do Porto das Velas pela artilharia cruzada proveniente dos fortes de Santa Cruz e Conceição, desembarcou naquela zona [4].

Segundo Cândido de Avelar “foi edificado sobre a costa e assentava a casa da guarda sobre um belo arco que a natureza aí formou, digno de observação”.

Depois de construído, contudo, não se registou no mesmo, qualquer ação militar.

Era passagem obrigatória para a “Ponta das Eiras” - grande pesqueiro - e ao passarem as pessoas foram-no degradando.



Forte da Ponta das Eiras



Muralha antiga do Forte das Caravelas

MURALHAS DO PORTO DAS CARAVELAS

Na visita do citado Marcos Fernandes de Teive, em 1618, ficou acordado que não se concluisse um paredão detrás do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, “por desnecessário”, mas que se fortificasse o Porto de Bairros e o Porto das Caravelas junto da Vila. [4]

No entanto, foi permitido acabar uma parte já iniciada e adjudicar outra parte em 1645.

Deu-se então prioridade imediata à zona do Porto das Caravelas, iniciando-se a obra logo no ano seguinte.

Muito provavelmente que a entrada no Caisinho pela antiga Rua do Poço (Rua Infante D. Henrique) seria o local de mais um dos “portões” que protegiam a Vila e se fechavam à noite.

Este forte foi erguido no contexto da Dinastia Filipina, como reduto da fortificação do cais principal das Velas, o Forte de Santa Cruz. [5]

Atualmente subsistem apenas restos das muralhas da primitiva

estrutura.

Conta Rezendes que sobre o século XVIII pouco se sabe neste âmbito. O saque às Velas por tropas francesas haveria de conduzir à construção de um dos últimos fortes detetados, o Castelinho da Eira, e com a visita do Brigadeiro António do Couto Castello Branco, realizou-se o primeiro levantamento geral de fortificações existentes. [3]

O grande terramoto de 1757 abalou profundamente parte das fortificações, sendo que algumas delas jamais seriam recuperadas.

A partir da segunda metade do

Século XIX as relações militares apontam para o abandono generalizado das fortificações. Em 1862, considera-se para defesa permanente apenas duas fortificações, no porto de Velas, o Forte de Santa Cruz e o da Conceição. Mesmo nestes dois casos, a degradação manteve-se e acentuou-se até aos dias de hoje.

Ainda segundo Rezendes, atualmente o único que mantém minimamente preservado é o da Conceição, encontrando-se o de Santa Cruz o forte principal e mais importante da ilha (não só pela sua localização/ dimensão, mas mesmo pelo ponto de vista da sua arquitetura inserida na História de Arte) em elevado estado de degradação.

Para este trabalho, da análise efetuada, revela Rezendes que, das 15 fortificações que existiam na Ilha, apenas seis subsistem.

Mas não apenas na Vila estavam as fortificações defensivas. Rezendes destaca ao longo da costa em direção à Calheta, o forte da Urzelina (que se encontra em bom estado) e o forte das Manadas (em bom estado, embora perdeu a zona correspondente à casa de guarda/ paiol, assim como a maior



Vista das fortificações defensivas do Porto de Velas



Forte da Urzelina

parte da área reservada à horta). [3]

FORTE DA URZELINA

O Forte da Urzelina remonta provavelmente à primeira metade do século XVI. [8]

Desde 1808 é o único baluarte sobre o proto, após o outro ter ido destruído pela erupção vulcânica desse ano.

Durante a Guerra Civil Portuguesa (1828-1834) abrigou em suas dependências um destacamento militar, segundo e referido por Fancisco Drumond Ferreira, nos Anais da Ilha Terceira. Ao final do século XX o imóvel foi recuperado, encontrando-se atualmente em bom estado estando ornado com uma antiga peça de artilharia.

FORTE DAS MANADAS

Acredita-se que tenha sido construído ainda no contexto da Dinastia Filipina. [9]

No contexto da Guerra da

Sucessão Espanhola (1702-1714) encontra-se referido como "O Reduto das Manadas." na relação "Fortificações nos Açores existentes em 1710".

A "Relação" do marechal de campo Barão de Bastos em 1862 informa que "Tem uma pequena caza de guarda arruinada", e que se encontrava em grande ruína e abandonado desde longos anos.

Posteriormente, quando do Tombo de 1883 sugere-se a sua recuperação devido à sua importância na área. A sua artilharia, entretanto, jazia no solo,



Ruínas do antigo Forte das Manadas

imprestável.

Em 1920 foi cedido à Guarda Fiscal: as suas muralhas encontravam-se em estado regular, mas a casa encontrava-se sem teto. No ano seguinte (1921), o pároco tentou, sem sucesso, adquirir o forte para o alargamento do acesso à Igreja de Santa Bárbara.

Atualmente os seus muros encontram-se em bom estado, e o seu espaço requalificado como miradouro.

Do tipo abaluartado, de pequenas dimensões, apresentava quatro faces onde se rasgavam três canhoneiras nos lados voltados para o mar.

Contudo, Rezendes lembra igualmente outras fortificações construídas, e que atualmente não restam vestígios das mesmas, sendo o caso na ponde da enseada o Forte de São Miguel o Anjo ou da Queimada (desaparecido), o forte da Ribeira do Nabo ou do Desterro (desaparecido), assim como o forte dos Terreiros (desaparecido). Na Vila de Velas, outras fortificações também acabaram por desaparecer. [3]



Muralha defensiva do Porto da Urzelina (1934)

É o caso do Forte de Entre Morros, que era uma simples casa de vigia, erguida no contexto da Dinastia Filipina, com traça do capitão Marcos Fernandes de Teive oficial que, por ordem régia, visitou todas as ilhas do arquipélago em 1618 para projetar e ativar todas as fortificações necessárias, assim como para reorganizar as milícias. [10]

Não se encontra referida por António do Couto de Castelo Branco na relação "Fortificações nos Açores existentes em 1710", no contexto da Guerra da Sucessão Espanhola (1702-1714).

Acerca dela, Avellar referiu que "Entre Morros, a Oeste das Terras do Correa, no reinado dos Filipes, construiu-se uma casa para vigia. (...) Guardava uma peça

[de artilharia] que se montava na bombardeira do forte sobre a costa em frente à dita casa. Já muito arruinada, abandonada a um lavrador que nela recolhia pasto de gado, na noite de 28 de dezembro de 1876 foi de todo derrubada por um furacão, aproveitando a Câmara os materiais para as ruas da vila". [2]

O Forte de Santo António, erguido no contexto da Dinastia Filipina. A sua traça dever-se-á ao capitão Marcos Fernandes de Teive oficial que, por ordem régia, visitou todas as ilhas do arquipélago na Primavera e Verão de 1618 para projetar e ativar todas as fortificações necessárias, assim como para reorganizar as milícias. [11]

A estrutura não chegou até aos nossos dias.

Segundo Faria, em finais do século XVIII as fortificações já se encontravam sem artilharia operacional, em geral em decadência. [1]

Este revela que os fortes de São Jorge, ou o pouco do que restas destes, são testemunhas vivas, se bem que exangues e moribundas, nunca foram tão desconsiderados e maltratados como nos nossos dias, em nome do progresso e da cultura, que recordam vivências e episódios, que informam o património genético e coletivo dos cidadãos velenses.

A finalizar, é de realçar o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelo Município em preservar e perpetuar na história o que os Nossos antepassados deixaram, onde se inclui, claro que está, o que resta dos antigos fortes.

1-Faria, Manuel Augusto, Município de Velas, 2ª edição, 2010 (Publiçor);

2-Avellar, José Cândido da Silveira, Ilha de São Jorge - Apontamentos para a sua história, 1902 (Typ. Minerva Insulana);

3-Rezendes, Sérgio Alberto Fontes, "A fortificação da Idade Moderna nos Açores: o caso específico das Ilhas de São Miguel, Terceira e São Jorge", 2010;

4 - Maciel, Frederico – Apontamentos, 2014 em "Os Fortes as Velas";

5-https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_das_Caravelas

6-Guia do Património Cultural, São Jorge, Açores, 1ª edição, 2003 (Edições Atlantic View);

7-https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_de_São_Jorge;

8-https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_da_Urzelina;

9-https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_das_Manadas;

10-https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_de_Entre_Morros;

11- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_de_Santo_António_\(Velas\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Forte_de_Santo_António_(Velas))